

# Multimídia no país do futuro

**H**á quatro anos, quando eu estava desenvolvendo o CD-ROM Esotérica, costumava analisar muito o mercado de multimídia, tanto nacional como internacional, e via que o Brasil tinha tudo para se tornar um dos maiores fornecedores mundiais. Tínhamos criatividade, qualidade, não era necessário muito dinheiro para investir e estávamos começando quase que junto com todos os outros países.

Hoje, com muito menos interesse no mercado, mas sempre observando o que está sendo produzido, o que vejo é um Brasil que, com raras exceções, conseguiu destruir totalmente essa visão. Títulos sendo produzidos às pressas, sem pesquisa, sem qualidade gráfica, lotados de “bugs”, conseguiram fazer com que o brasileiro perdesse quase totalmente o interesse no título nacional de multimídia. Para dizer a verdade, se analisarmos esses últimos anos, veremos que daria para contar nos dedos de uma mão quantos títulos “nacionais” (e não “nacionalizados”) tiveram algum impacto no mercado.

A cada dia, a cada mês temos menos produtoras no mercado, menos títulos sendo lançados, e os poucos que saem aparecem com uma qualidade e interatividade pior do que se fossem produzidos no PowerPoint.

O que mais se vê são coleções de telas com botões para frente e para trás, numa analogia simbólica à mudança de página de um livro. Eles se esquecem que um livro não cansa a vista, é fácil de carregar, custa menos, não risca, não quebra, dá para ser lido no banheiro, na cama ou até mesmo no motel.

E não sei por que mas uma enxurrada de títulos infantis foram descarregados no mercado. Em 99% das vezes, não conseguiram chegar aos pés de algo como “Just Grandma and Me”, lançado há mais de cinco anos.

De quem seria a culpa de tudo isso? Das distribuidoras, que atacam com suas políticas canibalizadoras pagando quase nada para o produtor? Pode ser. Para se ter uma idéia, um produtor chega a ganhar menos de R\$ 10 por um título que é vendido a R\$ 60 numa loja.

Grandes distribuidoras brasileiras são empresas que querem ganhar mais do que aquele que perde anos para produzir um título, não dando nada em troca. Quantos títulos internacionais recebem displays nas lojas, cartazes, propagan-



das de revista e quantos nacionais recebem o mesmo tratamento?

Dos produtores que não se preocupam em mudar esse panorama? Também. Que tal tentar produzir coisas boas para tentar brigar de igual para igual com esses títulos internacionais, destinando uma parte do tempo de desenvolvimento para criação de tecnologias novas, outras formas de interagir com o usuário, melhor qualidade gráfica e muitos, mas muitos testes beta? E, já que somos macmaniacos, que tal analisar o papel da Apple nessa história? Uma empresa que se diz focada no mercado de criação de conteúdo. Uma empresa que vende um programa de auxílio ao desenvolvedor baseado exclusivamente na realização de cursos e seminários, esquecendo que o principal para pequenos desenvolvedores é o suporte logístico para poder brigar junto a uma distribuidora por melhores preços, melhor distribuição e não

apenas ter o selo “sou compatível com Macintosh”.

Quer dizer, os problemas são muitos, mas alguém deveria começar a mudar essa situação. Não podemos ficar dependendo eternamente dos distribuidores, pois eles dificilmente irão alterar o esquema atual, por ser muito mais cômodo e financeiramente mais rentável. Resta aos produtores tomar uma atitude, começando a produzir coisas boas e se unindo para poder brigar por uma melhor distribuição e preços. Existem várias empresas nos EUA, que vendem softwares de terceiros, sob um nome único, tornando muito mais fácil a negociação com gráficas, duplicadoras, distribuidoras e até mesmo o serviço de suporte ao software.

Agora, como dar opinião não mata ninguém, por que não expandir um pouco mais essa boa vontade a todos os envolvidos nesse mercado?

Distribuidoras: que tal começar a trabalhar com margens meno-

res de lucros, investir em adiantamentos para os produtores e fazer campanhas de marketing tão boas como as feitas para produtos de fora? Apple: que tal transformar o DRC em um instrumento pró-ativo, buscando negociar vantagens para seus filiados ao invés de continuar sendo uma “escolinha de desenvolvedores”? Acho que tudo isso seria uma forma de tentarmos resgatar o que há muito foi perdido: a qualidade da produção de multimídia no Brasil. Porque se continuar da forma que estamos caminhando, os bons irão cada vez mais se voltar para o mercado corporativo e os ruins irão fechar suas portas. **M**

**LUIZ FERNANDO DIAS**  
É diretor da *Ciclo Graphics*.

Opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.